



NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI, HISTÓRIAS E NARRATIVAS DA FAUNA.

Christian Fausto Moraes dos Santos
Pós-Doutor, UEM-LHC,PR

Aline Cristina da Silva Oliveira
Mestranda, UEM-LHC,PR

RESUMO: No século XVI embarcações europeias esquadriharam o oceano atlântico na busca por riquezas como o ouro, prata e tantas especiarias quantas pudessem ser consumidas no Velho Mundo. Nesta empreitada, os portugueses percorriam a costa de ilhas atlânticas e de continentes como a África, Ásia e América, e firmavam a expansão do domínio português em novas terras. Ao aportarem na costa brasileira adentraram na imensa Mata Atlântica, e foi nesta floresta densa e fechada o cenário da colonização portuguesa no Novo Mundo. Em terras brasileiras exploradores e colonizadores produziram uma série de narrativas, cartas, tratados, crônicas, sobre a natureza do Novo Mundo. As narrativas e descrições da primeira metade do século XVI demonstram a admiração dos exploradores com o bioma habitado por seres vivos tão diversos e ricos pela beleza e quantidade. Com a prolongada permanência, meados século XVI, as narrativas sobre o Novo mundo tornaram-se minuciosas, com descrições mais detalhadas das espécies da flora e fauna.

Palavras-chave: América Portuguesa; Mata Atlântica; Crônicas; Caça.

ABSTRACT: In the sixteenth century European embarkations crisscrossed the Atlantic ocean in search of riches such as gold, silver and as many spices as the Old World could consume. In this enterprise, the Portuguese sailed the coasts of Atlantic isles and continents such as Africa, Asia and America, and ensured the expansion of the Portuguese dominion on foreign lands. Upon landing on the Brazilian shore, they entered the immense Atlantic Forest. This dense, closed forest was the scenario of Portuguese colonization in the New World. In Brazilian

lands explorers and colonizers produced a series of narratives, letters, treaties and chronicles about the nature of the New World. The narratives and descriptions from the first half of the sixteenth century demonstrate the admiration the explorers had about the biome inhabited by living beings so diverse and rich in beauty and quantity. With prolonged permanence, in the middle of the sixteenth century, the narratives about the New World became thorough, with more detailed descriptions of species from the fauna and the flora.

Keywords: America Portuguese; Atlantic Forest; Chronicles; Hunting.

Introdução

No início da era moderna Portugal estava entre as nações que mais se dedicavam a expansão ultramarina e, assim foi a primeira a estabelecer rotas marítimas para a Índia e para a África. Deste modo, o século XV foi o marco da expansão marítima europeia, período em que as técnicas, equipamentos, construção naval e navegação dos países ibéricos permitiram singrar mares além daquele horizonte visto do continente. Aperfeiçoamentos que foram obtidos através do contato com povos islâmicos no mar Mediterrâneo. Somado a esse aprimoramento naval, os povos europeus mantiveram sua busca por riquezas, perspectivas e terras. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p. 194-304).

Os primeiros navegadores buscavam obter quantidades de ouro, prata e especiarias, como raízes, ervas, bagos, grãos, resinas, talos, tubérculos, bulbos, polpas, cascas, verduras, legumes, frutos e sementes. Todas tinham as mais diversas utilidades, tanto na culinária quanto na medicina. Aos poucos, com o movimento das rotas comerciais, especiarias como a noz-moscada (*Myristica fragans*), pimenta-do-reino (*Piper nigrum*), cravo-da-índia (*Syzigium aromaticum*) e canela (*Cinnamomum sp.*) foram comercializadas e consumidas por todo o globo. (BRACHT, BRACHT CONCEIÇÃO, & SANTOS, 2011, p.11).

Com tal empreitada os ibéricos alcançavam, no século XV, as ilhas Açores, Madeira e Canárias. Nas novas terras, além de explorarem recursos naturais como madeira e especiarias, implementaram o cultivo da cana-de-açúcar através do sistema de plantation – plantação em larga escala apenas para exportação do produto na Europa. As ilhas foram uma espécie de laboratório para os portugueses uma vez que, rapidamente, antropizaram aqueles biomas. Com essa experiência

perceberam que suas plantas e animais domésticos poderiam, muitas vezes, prosperar em outras partes do mundo, e que as populações nativas poderiam ser conquistadas ou dominadas, embora estas fossem guerreiras e tivessem o ambiente ao seu favor (CROSBY, 1993, p.95-96).

Na contínua intenção de adentrarem no oceano Índico e Índias, seguindo ao sul na costa africana, os marinheiros portugueses foram arrebatados pelos ventos alísios que os afastavam com suas naus para o meio do oceano atlântico, e quando situavam à altura da costa da América os ventos mudavam de direção, no qual as correntes os impulsionavam à Sudeste e, assim podendo seguir em direção ao oceano Índico. Tal trajeto ficou conhecido como a 'volta do mar' e foi neste caminho para as índias que os portugueses alcançaram à costa do Brasil, ancoravam para paradas que se tornavam estratégicas para as longas, perigosas e exaustas viagens em alto mar. Nessas paradas limpavam seus navios, obtinham água doce, realizavam comércio com os nativos, obtinham frutas frescas, pescado e caça - que pudessem ser mantidos salgados ou defumados. (SANTOS & BRACHT, 2011, p.5).

Mata Atlântica

Os primeiros europeus que aportaram na costa brasileira, em 1500, depararam-se com a Mata Atlântica, uma floresta úmida tropical com abundância em espécies da fauna e flora que se alastrava por quase toda a faixa litorânea e calcula-se que sua área predominante era de 15% do território brasileiro, sua extensão original era de 1.296.446 Km². (CAMPANILLI & SCHAFFER, 2010, p.56).

Sua rica diversidade é resultante do clima úmido formado pela entrada de frentes de chuvas do oceano atlântico, juntamente com a influência dos trópicos por se estender através de várias linhas do Equador, o que permite regimes de insolação, pluviosidade e temperatura diferentes. Também, na história evolutiva esta floresta passou por períodos de contatos e de posterior isolamento com outras florestas da América do sul, conexões que contribuíram para a variedade das espécies, bem como as várias mudanças de ecossistema que ocorreram neste bioma ao longo da escala evolutiva. (SILVA & CASTELETI, et.al, 2005 p.44).

Sua extensão territorial alargar-se de norte ao sul do Brasil, o que permite uma

diversificação no relevo, solo e altitudes, caracterizando seu bioma com diversos cenários como formações de florestas ombrófila densa, ombrófila aberta, ombrófila mista, estacional semidecidual, estacional decidual, savana, savana estépica, estepe, formações pioneiras, refúgios vegetacionais com áreas de tensão ecológica e as muitas ilhas oceânicas. (CAMPANILLI, & SCHAFFER, 2010, p.60).

Mata Atlântica, o Jardim do Éden

Por séculos, na Idade Média, se perpetuou a veracidade que Deus tinha criado um jardim maravilhoso para habitar os primeiros homens que havia criado. Neste período houve a junção de mitos cristãos com os mitos das tradições greco-romanas, como denota no mítico jardim do Éden, que descrito na Bíblia Sagrada (Gênesis, 2,8-17) também possui elementos da antiguidade clássica como o mito das ilhas afortunadas, que definidas por porções de terras distantes e isoladas de uma esplêndida natureza com clima ameno e muitas riquezas, um verdadeiro paraíso, assim imaginavam o jardim Éden distante à Oriente. (SEIXAS, 2003, p.23).

Como a expansão marítima europeia iniciou-se no fim da Baixa Idade Média, certamente os primeiros colonizadores quando abarcaram na paisagem exuberante do Novo Mundo, na Mata Atlântica, sentiram ter encontrado o paraíso terreal, o jardim do Éden. Na Terra de Vera Cruz, com uma natureza magnífica em quantidades e novidades de cores, odores e ares deslumbrou os primeiros colonizadores que nela pairaram, e revelou-se como essencial motivo para a criação de inúmeros tratados, textos, cartas e crônicas. Nas primeiras descrições feitas pelos navegadores contendo suas impressões sobre a paisagem da floresta atlântica percebemos elementos que remetiam aos símbolos paradisíacos. É notória, portanto a identificação e comparação da natureza da América portuguesa com o jardim do Éden. (SEIXAS, 2003, p.31).

Até a metade do século XVI as descrições sobre a natureza inserem-se em uma construção de saberes provenientes do primeiro contato dos colonizadores com a mata atlântica. São iniciais impressões dos primeiros exploradores e navegadores portugueses que percorriam a costa atlântica do Brasil, bem como, adentravam com suas naus sobre grandes bacias hidrográficas: Amazonas e Rio da Prata

Paraná. São descrições que se caracterizam em geral por cartas, mas podendo ser relatos mais longos, que tratam de aspetos da natureza e assim formando uma série de relatos que noticiam aos monarcas e outras autoridades sobre as maravilhas do Novo Mundo. Até a metade do século XVI são as únicas fontes que referenciam sobre animais que a espreita apareciam entre caminhadas curtas e pequenas em expedições litorâneas e, na qual, são relatadas as caçadas, bem como a experiência em provar o sabor das carnes. Nessas descrições os animais caçados eram descritos por monte, pescado, terrestre, altilia. (RIBEIRO, 2006, p.4 -5).

Nas descrições sobre a natureza brasílica, um dos primeiros símbolos paradisíacos presentes é o deslumbramento dos colonizadores com a quantidade das águas do rio São Francisco, no qual, muitos cronistas o comparam ao rio Nilo, potente em águas e que origina-se no jardim do Éden. A descoberta de tesouros, como pedras preciosas, também tornou-se uma convicção paradisíaca, já que os escritos medievais pronunciavam que pedras, como esmeraldas, eram grandes dádivas de Deus. Do mesmo modo, o misterioso e o fantástico estavam estruturados nas descrições das espécies da fauna, que desconhecidas ao conhecimento europeu, eram tidas como seres fantásticos, ou além disso, animais que tinham hábitos inusitados e eram compreendidos com muito mistério, como o passarinho Guainumbî que se alimentava somente do orvalho. (SEIXAS, 2003, p.64-82).

Estava imbricado nas descrições da fauna e flora o pensamento mítico do Velho Mundo e também os elementos fantásticos do imaginário indígena que foram repassados aos colonizadores. Mas o auge do maravilhoso que se perpetuou no século XVI fora substituído pela visão do exótico. Os europeus enxergavam e tratavam a natureza do Novo Mundo com a inventividade do exótico, assim muitos animais foram enviados para Europa, através de um comércio que, de certo modo, perdura até hoje, afim de preencherem os gabinetes de curiosidade europeus. Além disso, as crônicas, textos e tratados, já que tinham o objetivo de apresentar para Europa aspectos da natureza brasílica e da sua diversidade, utilizaram-se do exótico com o intuito de fascinarem seus leitores do outro lado o oceano. (RIBEIRO, 2006, p.8).

As descrições sobre a natureza da América portuguesa formaram uma escrita

específica deste bioma. São relatos que ao tratarem da floresta na costa brasileira possuem os mesmos esquemas utilizados na literatura medieval para mencionar sobre o paraíso terreal. Nas cartas de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, percebemos um relato somente a cerca das boas qualidades, farturas e belezas da Terra de Vera Cruz, que a primeira visão de seus morros foi como olhar ao Monte Pascoal.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o Sul vimos, até a outra ponta eu contra o Norte vem, de que nós deste porto houvesmos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muita cheia de arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... Muito chã e formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos - terra que nos parecia muito extensa. (...) Contudo a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo dagora assim os achávamos como os de lá. [As] águas são muitas; infinitas. Em al maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! (CAMINHA, 1985, p.164).

Após o primeiro reconhecimento da costa brasileira com sua margem inicial de floresta, inicia-se um segundo momento da colonização portuguesa na América, que é a permanência na colônia e com isso adentrando na densa floresta atlântica. O estabelecimento, portanto, era complexo e árduo. O ambiente tropical era um imenso desafio, uma dificuldade física para as técnicas ou equipamentos de que dispunham os europeus. No Novo Mundo, por exemplo, os colonizadores não estavam habituados a enfrentar, diariamente, as milhares de espécies de insetos, animais selvagens e doenças de áreas quentes e úmidas – como foi o caso da malária na África (CROSBY, 1993, p.125-128).

Logo, os colonizadores perceberam a necessidade de conhecerem de modo profundo aspectos deste bioma, apreender e registrar os saberes das vidas em espécies - tanto seus benefícios quanto seus malefícios - entender os cursos dos ventos, das águas com suas minas, e o clima. A mata atlântica impôs uma série de obstáculos para os primeiros colonizadores, mas se ressalta muito os perigos advindos das animálias, como a grande quantidade de répteis, aracnídeos, insetos e outros animais que se designam como pragas, peçonhentos que atordoavam esses homens. (SILVA FILHO, 2013, p.9).

O colonizador em seu cotidiano teve que entender e aprender de maneira rápida

que toda a exuberância no ambiente tropical não é a definição de fartura. Por toda a floresta existiam muitos animais e vegetais para os colonizadores manterem uma equilibrada alimentação, porém a distância a ser percorrida para se encontrarem mais de uma espécie do mesmo animal ou de uma planta era muito grande, as espécies viviam de maneira espaçadas entre si. (SILVA FILHO, 2013, p.14-15). A necessidade de se desenvolver estratégias e táticas de sobrevivência em um bioma rico em espécies que co-evoluíram para não serem vistas ou ouvidas se tornou essencial. Assim, as descrições destas espécies e do bioma como um todo garantia apreender táticas e modos de sobrevivência, e de tal modo a possibilidade para se efetivar a colonização.

Em terras desconhecidas era importante o entendimento de suas naturezas como as utilidades da fauna e flora também para que pudessem se prevenir dos enormes perigos de uma vida na mata fechada. O desafio também estava no ato de descrever os animais desconhecidos, pois era necessário apreender a significância dos cinco sentidos: visualizar a forma, tamanho, cor e comportamento do animal; ouvir seus sons, sentir seus odores; tocar o corpo e enfim saborear sua carne. (RIBEIRO, 2006, p.1).

Importante ressaltar que nas narrativas e descrições da fauna na mata atlântica percebemos o quanto foi grande a contribuição do conhecimento indígena sobre o bioma para o aprendizado dos colonizadores. Pois os nativos eram os únicos que detinham os saberes sobre a floresta, e principalmente sobre as espécies de animais e seus comportamentos na mata, tanto que os primeiros colonizadores dependeram totalmente dos conhecimentos indígenas. Foram os Tupis que supriram as necessidades dos portugueses bem como caçar, cozinhar e curar suas doenças (DEAN, 1996, p.83). E quando o colonizador iniciou o desmatamento dos arvoredos no Brasil também:

Destruíram uma considerável realização cultural, da qual tinham apenas pálida consciência e à qual não conseguiram dar nenhum valor: a capacidade dos habitantes nativos de sobreviver em seu meio. Um ecossistema pode ser visto como um reservatório de informações, as geneticamente programadas e, ao mesmo tempo, as acumuladas por suas espécies, relevantes a sua sobrevivência e reprodução em seu interior. Os homens da Mata Atlântica, como todas as suas outras criaturas, haviam armazenado, durante 12 mil anos, seus próprios estoques de informação. Cada grupo havia atribuído nomes a centenas de espécies para as quais encontraram algum uso e sobre as quais conheceram os

hábitats, estações, hábitos e, ainda, relações com outras espécies. (...) Milhares de espécies da Mata Atlântica tinham sido catalogadas na memória de seus habitantes humanos. Apenas a tradição oral preservava essa cultura. (DEAN, 1996, p.83)

A fauna brasileira nas descrições do século XVI

O processo de exploração e expedições por mata adentro gerou inúmeras crônicas a cerca da diversidade de espécies da fauna, também, a permanência prolongada na colônia possibilitou a realização de extensas e minuciosas descrições a cerca do mundo natural, bem como de relatos de experiências vividas por parte dos exploradores e cronistas. Da terra brasílica os observadores tratam de aspectos gerais e das suas riquezas naturais, como clima, relevo, hidrografia, minerais, fauna, flora, nativos, economia e administração. (RIBEIRO, 2006, p.5).

Nessas crônicas sobre o que se concerne aos animais existem capítulos contendo uma lista de várias espécies, e de cada uma tratando das suas características principais. As identificando por nomes indígenas, de predominância do tronco tupi-guarani e também com denominações da língua europeia. São descrições físicas do animal, bem como do seu comportamento como o habitat, alimentação e reprodução. E o modo como eram caçados e os usos de suas carnes. (RIBEIRO, 2006, p.5).

O cronista Gabriel Soares de Sousa, em seu Tratado descritivo do Brasil, dedicou vários capítulos à descrição de animais. No que concerne às aves é evidente que o autor relatou uma série de espécies, seu habitat, a sua caça e preparo da carne, bem como sua textura. O motum (*Crax spp.*), foi uma das aves que o cronista português descreveu:

Motum são umas aves pretas nas costas, asas e barriga brancas; são do tamanho dos galipavos, têm as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas penas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde as matam a flechadas e as tomam a cosso com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e clara deles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Têm estas aves o bico preto como de corvo. E tocados ao redor de vermelho, à maneira de crista; a carne destas aves é muito boa, como a de galipavos, e têm no peito muitas mais titelas (SOARES, 1576, p.206).

O missionário Jean de Léry na sua crônica “Viagem à Terra do Brasil”, de 1576, inicia seu relato com a descrição de animais de caça. “Na descrição dos

animais silvestres do país, chamados genericamente “Só começarei pelos que lhes servem de alimentação” (LÉRY, 1576, p. 11,12). Inicia o relato com uma anta (*Tapirus spp.*):

O primeiro e mais comum é o tapirussú de pelo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. (...) pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é entretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens o matam a flechadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas. Esse animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele (...). A carne do tapirussú tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam à sua moda, moqueando-a. (...) Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las. (LÉRY, 1576, p.11, 12).

O padre jesuíta português Fernão Cardim esteve no Brasil em 1583 e percorreu alguns estados do Brasil e também tratou dos hábitos, habitat, comportamentos, aspectos físicos e a caça de várias espécies de animais. Escreveu “O Tratado da gente e terra do Brasil” e faz uma menção ao Tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*):

Este animal he de natural admiração: he do tamanho de hum grande cão, mais redondo que comprido: e o rabo será de dous comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas que pela(n) calma, e chuva, frio, e ventos se agasalha todo debaixo d'elle sem lhe apparecer nada; a cabeça he pequena, o focinho delgado, nem tem maior bocca que de huma almotolia, redonda, e não rasgada, a lingoa será de grandes tres palmos de comprimento e com ella lambe as formigas de que sòmente se sustenta: he diligente em buscar formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de hum homem o desmancha, e deitando a língoa fora pegam-se nella as formigas, e assi a sorve porque não tem bocca para mais que quanto lhe cabe a (40) língoa cheia dellas; he de grande ferocidade, e acomette muito a gente e animaes. As onças lhe hão medo, e os cães sobremaneira, e qualquer cousa que tomão com suas unhas espedação; não se comem, nem prestão para mais que para desençar os formigueiros, e são eles tantos, que nunca este animaes os desbaratarão de todo. (CARDIM, 1978, p.39-40).

A admiração dos colonizadores com relação aos animais fora tanta que não bastava somente descrevê-los e, tal modo, diversas espécies da fauna nativa foram enviados a Europa como carga oficial para amostras ao Rei. Era frequente, neste período, que marinheiros vendessem os animais capturados na mata Atlântica, o que lhes garantia uma considerável fonte de renda (PAPAVERO, 2010, p.253). E assim, constituindo uma rede de tráfico de animais nos séculos XVI e XVII, em todas as espécies da fauna enviadas à Europa compunham as quintas régias

ou os gabinetes de curiosidades “homens e mulheres cultivados normalmente possuíam coleções recheadas de pássaros e conchas, com a dimensão de seu ‘gabinete’ (nome dado a estas coleções) refletindo, frequentemente, a sua riqueza, gosto e nível de refinamento” (FARBER, 2000, p.3).

Documentos sobre duas naus que aportaram no Brasil no século XVI, a portuguesa Bretoa e a francesa Pélérine, possuem informações sobre a carga a bordo destinada a Europa, que além da madeira pau-brasil, e outras especiarias, também era embarcados uma considerável quantidade de animais silvestres. As espécies mais traficadas do Brasil eram felinos, primatas e aves. As aves com uma plumagem mais colorida, atraente e rara valiam mais. As aves e mamíferos que foram contrabandeados pela nau Pélérine possuíam um preço elevado e compunham uma carga numerosa, por exemplo, 3 mil onças foram enviados para Europa. O que denota que o tráfico de animais, no século XVI, era algo de grande interesse aos europeus e de alto custo. (PAPAVERO, 2010, p.260; DEAN, 1996, p.67).

O tráfico de animais no século XVI esteve inserido no contexto da visão do exótico. Os europeus enxergavam e tratavam a natureza do Novo Mundo com a inventividade do exótico. Os animais desconhecidos nesta terra surpreenderam mais pela sua diferença, o que contribuiu para atrair olhares europeus para a fauna brasileira. (RIBEIRO, 2006, p.8).

A respeito dos relatos de animais, de maneira geral, as crônicas possuem os seguintes modelos: os mamíferos são descritos em maior número pelos exploradores e cronistas, sendo as espécies semelhantes com as do velho mundo pouco mencionados, e as espécies exóticas sendo mencionadas por números maior de textos; com retratos minuciosos e extensos, já que seus aspectos físicos eram incomuns, e ou com comportamento muito diferente. Para descrever as características físicas de uma espécie percebe-se que era utilizado o parâmetro e comparação de características dos animais do velho mundo. (RIBEIRO, 2006, p.12). As aves deslumbravam por sua beleza e eram muito descritas e capturadas:

Ajerueté são uns papagaios verdadeiros, que se levam à Espanha, os quais são verdes, e têm os encontros das asas vermelhos, e o toucado da cabeça amarelo; criam nas árvores, em ninhos, e comem a fruta delas, de que se mantêm; cuja carne se come; e para se amansarem

tomam-nos novos. Há outros papagaios, a que chama curicas, que são todos verdes, e não têm mais que o só queixo amarelo, e algumas penas as asas encarnadas; os quais criam em ninhos nas árvores, de onde fazem grande dano nas searas de milho; tomam-nos novos para se amansarem em casa, onde falam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura. (SOARES, 1576, p. 231).

Na terra desconhecida, a construção de saberes

Com a expansão ultramarina realizou-se a descoberta e dominação de novos espaços geográficos que forneceram ganhos comerciais para os reinos europeus, e também levou à construção de saberes que contribuíram para o conhecimento da filosofia natural – que é o estudo racional da natureza que aborda somente aquilo que realmente pode ser compreendido, assim um estudo dedicado às ciências positivas. No percurso das rotas para as Índias os navegadores que encontraram ouro e especiarias também descobriram novas naturezas completamente desconhecida o que gerou o começo da construção de saberes a cerca de um novo bioma e das espécies do novo mundo, que foram redigidas em modo de crônicas, cartas, tratados e textos, e também, com a coleta e o envio para Europa de diversas espécies do Novo Mundo, que possuíam valor mercantil. (SILVA FILHO, 2013, p.13).

O bioma do Novo Mundo representou ao mundo ocidental uma nova maneira de entender a fauna e flora. Natureza que se mostrou tão complexa e que desafiou os estudiosos da filosofia natural do século XVI, pois a grande questão conflituosa foi descrever e classificar as novas espécies situadas na América, ao passo, que tentava as adequar no padrão epistemológico na época vigente. Assim as descrições a cerca da natureza do novo mundo, de fato, provocaram a filosofia natural da Europa renascentista para formular uma revisão dos seus saberes, e conseqüentemente gerando mudanças no paradigma epistemológico em voga, para enfim se entender sobre esses novos ambientes. (SILVA FILHO, 2013, p.15).

No século XVI os princípios do padrão epistemológico vigente proviam da doutrina cristã, por exemplo, entendiam a distribuição das espécies dos animais através do mito da Arca de Noé. Ou também, os princípios proviam dos ensinamentos platônico-aristotélicos, como exemplo, em que acreditavam que a linha do Equador era muito próxima ao Equador, e sendo impossível de alcançá-la.

Desde os antigos, apregoava-se que o planeta Terra era dividido em

cinco zonas climáticas latitudinais: duas extremamente frias, que circundavam os polos, duas zonas temperadas, respectivamente no hemisfério norte e sul e, por fim, uma zona média, situada na linha do Equador que, de tão quente, inviabilizaria a existência de qualquer ser vivo. (SANTOS & NETO, 2011, p.52).

Assim o novo mundo era desabitado porque era impossível se chegar ao hemisfério sul com o estabelecimento de barreiras geográficas e climáticas entre os dois continentes. Mas o descobrimento do Brasil e a navegação por mares antes inalcançáveis revela a inconsistência destas teorias, que somente imaginavam os trópicos como locais virtuosos e que não tinham a noção de suas novidades e diversidade, ou como o mito a arca de Noé que não sustentou-se diante de tantas espécies nativas do novo mundo. Portanto, os colonizadores, exploradores e cronistas europeus na América Portuguesa tiveram que modificar, repensar todos os seus conhecimentos e teorias a cerca do mundo natural. A diversidade de espécies de animais do Novo Mundo fora um desafio para o entendimento dos homens quinhentistas. (BRACHT, CONCEIÇÃO, 2013, p.17-18).

Conclusão

Essas crônicas são de um valor histórico e biológico inestimável. São descrições do bioma de uma Floresta Atlântica que, em boa medida, não existe mais. No que concerne aos animais, contém uma série de descrições sobre as espécies e seus hábitos, habitat, comportamentos, cores, odores e formas. Nas descrições também entende-se o conhecimento que os nativos tinham da fauna dentro da floresta e como se relacionam com ela. E trazem como os nativos se relacionavam com a fauna do bioma. Essas narrativas tratam como o tráfico de animais, a caça e a necessidade de sobrevivência estiveram presentes no cotidiano dos primeiros colonizadores que se instalaram na mata atlântica e, também nos revela que a filosofia natural renascentista sofrera ruptura epistemológica diante de uma fauna nativa tão diversa quanto rica que se encontrava na mata atlântica.

Referências bibliográficas

BRACHT, F., CONCEIÇÃO, G.C., SANTOS, C.F.M. **A América conquista o mundo: uma história da disseminação das especiarias americanas a partir das**

viagens marítimas do Século XVI. In: Revista Brasileira de Pesquisa em Alimentos, Campo Mourão, v.2, n.1, p.11-16, jan/jun. 2011. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/236840940_A_America_conquista_o_mundo_uma_historia_da_disseminao_das_especiarias_americanas_a_partir_das_viagens_martimas_do_sculo_XVI._America_conquers_the_World_A_History_of_spread_of_American_spices_from_the_navigations_of_the_sixteenth_century. Acessado 15.03.2015.

BRACHT, Gisele Cristina da Conceição. **No qual se trata do que há nos mares e rios deste novo mundo**: A importância dos recursos pesqueiros na América portuguesa do século XVI. 111 folhas. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá. 2013.

CAMPANILLI, Maura. e SCHAFFER Wigold Bertoldo. (Orgs). **M425 Mata Atlântica**: patrimônio nacional dos brasileiros / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Alinepc/Downloads/Mata%20atl%C3%A2ntica%20patrimonio%20nacional%20dos%20brasileiros%20(1).pdf. Acessado em 20.02.2015.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CROSBY, Alfred. W. **Imperialismo ecológico**: A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço**: os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FERNÁNDEZ – ARMESTO, Felipe. **Comida**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____ [et al.] **Os desbravadores**: uma história mundial da exploração da terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – editora, 1961.

PENJON, Jacqueline; QUINT, Anne-Marie. Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. In: **Lisboa Ultramarina: 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 143-165.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Bestiário Brasílico: a fauna brasileira no imaginário colonial. In: Jacobi, Pedro; Ferreira; Lúcia da Costa. (Org.). **Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil**. 1ed. São Paulo: ANPPAS, **Annablume**, 2006, v. , p. 59-84. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT16/gt16_ricardo_ferreira.pdf . Acessado em 10.03.2015.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; BRACHT, Fabiano. Bem-vinda ardência: as pimentas americanas viraram um sucesso mundial ainda nos séculos XVI e XVII. **Revista de História** (Rio de Janeiro). v. 1, p. 70-74, 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/bem-vinda-ardencia-1>. Acessado em 23.03.2015.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; NETO, Juscelino Pereira. A natureza americana nas obras *Turris Babel* e *Arca Noé* do jesuíta Athanasius Kircher. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n.10, p. 51-68, Maio, 2011.

SEIXAS, Maria Lucília Barbosa. **A Natureza Brasileira nas Fontes Portuguesas do Século XVI**. Viseu: Passagem Editores, 2003.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. **As Pragas do Paraíso**: descrições dos insetos e animais considerados inferiores na América portuguesa do Século XVI. 124 folhas. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá, 2013.

SILVA, José Maria Cardoso. e CASTELETI, Carlos Henrique M. Estado da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. In: **Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas**. 2005. p.43-59.

Disponível em:
<http://www.conservation.org.br/publicacoes/files/CapituloVEstadodabiodiversidadedaMataAtlanticabrasileira.pdf>. Acessado em 25 de Fevereiro de 2015 as 20:00.

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1971.